

Entrevista

FREI BETTO

Frei Betto

Contra a servidão voluntária: O Brasil, a Igreja de Francisco e o futuro da teologia da libertação

Entrevista conduzida por

Gianfranco Ferraro¹

Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo) nasceu em Belo Horizonte, Brasil, em 1944. É frade dominicano e teólogo, estando entre os expoentes mais relevantes e internacionalmente reconhecidos da «teologia da libertação». Militante de movimentos pastorais e sociais, resistiu à ditadura militar brasileira, sob a qual foi preso e sofreu tortura: relatou esta experiência em *Batismo de sangue* (Prêmio Jabuti, 1982) e em *Cartas da prisão* (1977). Foi ativo na construção de *Comunidades Eclesiais de Base* e, durante o primeiro Governo Lula, foi assessor da Presidência do Brasil para o programa *Fome Zero*. Politicamente próximo das experiências socialistas da América do Sul, assessorou vários governos, especialmente o cubano, nas relações Igreja católica-Estado. Entre as dezenas de obras que escreveu, podem ser mencionadas: *Fidel e a religião* (1985),

¹ Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4449-6127>.

A obra do artista (1995), *Hotel Brasil* (1999), *A arte de semear estrelas* (2007), *Um Homem chamado Jesus* (2009), *Mística e espiritualidade* (com L. Boff, 2010), *Fome de Deus* (2014), *Reinventar a vida* (2014), *Paraíso perdido* (2015), *Um Deus muito humano* (2015), *Fé e afeto* (2019), e *Jesus militante* (2022).

P
&
R **Frei Betto, tínhamo-nos encontrado em 2016, quando estava a chegar ao fim a era da transformação social e política implementada pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff. Pouco antes, tinha ocorrido o «golpe» de Temer contra o último governo de esquerda e estávamos a meio da Operação Lava Jato, com as consequências conhecidas. Agora, em 2023, tornamos a encontrar-nos, mas numa situação muito diferente, depois de dois anos de pandemia e de quatro anos de Governo Bolsonaro. Entretanto, passaram 200 anos sobre a independência do Brasil. É uma altura em que talvez possa valer a pena repensar o passado para poder imaginar o futuro: como mudou e se mudou o Brasil nestes anos?**

Na minha análise, mudou muito, e mudou para pior, porque o Bolsonaro fez uma política de destruição. Ele confessou isto num jantar que teve em Washington, quando visitou o Trump, no início do governo. Naquela ocasião ele disse: «eu vou demolir, vou destruir». Disse-o claramente. E realmente cumpriu esta meta de desmonte das instituições. Não conseguiu azerá-las, não conseguiu anulá-las. Não conseguiu — embora ensaiou, várias vezes — dar um golpe de Estado. E cometeu atos genocidas

declarados, como os 700 mil mortos da pandemia, dois terços dos quais podiam talvez ser evitados, se ele tivesse tomado providência desde o início e não tivesse vindo falando com invencionistas e propalado *fake news* como a da cloroquina, ou se não tivesse avançado com outras atividades e manifestações negativistas. Penso também no caso da questão indígena: ele declaradamente facilitou ações de extermínio, porque considera os indígenas inúteis. Para ele, os indígenas devem ser ou forçosamente integrados na nossa vida urbana, ou eliminados, porque estão habitando terras muito ricas do ponto de vista sobretudo mineral. E estas terras devem ser exploradas em nome do progresso, leia-se, em nome do grande capital. A do Bolsonaro foi, portanto, uma política de destruição.

O Frei Betto, porém, não hesitou em sublinhar, ao longo dos anos, os erros dos governos do Partido dos Trabalhadores, nomeadamente dos dois governos de Lula e do governo de Dilma. Quais são as responsabilidades e as falhas maiores que você quer, ainda hoje, ressaltar na atitude da esquerda brasileira?

É verdade que *nós* progressistas, *nós* de esquerda, temos culpa neste processo: porque, em 13 anos de governo do Partido dos Trabalhadores, não cuidámos da educação política do povo, enquanto a direita cumpre uma deseducação política do povo 24 horas por dia, principalmente através das plataformas digitais e da grande média. Nós não cuidámos

disso. Atualmente o Lula está preocupado com esta questão. Está realmente virado para esta preocupação de poder fazer alguma coisa mais sistemática no âmbito da educação política.

Também porque é verdade que a sociedade brasileira está hoje profundamente dividida: enfim, o presidente Lula ganhou as últimas eleições por poucos votos.

Exatamente. Um grande fenómeno que surgiu nestes quatro anos foi a manifestação organizada da direita. O Brasil sempre teve direita, mas nunca teve uma direita organizada e mobilizada. Podemos também mencionar, nesse quadro de uma organização da direita, a recente organização dos acampamentos à frente dos quartéis, precisamente após as eleições. Dou outro exemplo. O Fidel [Castro] esteve várias vezes no Brasil. Nunca houve uma manifestação de rua contra ele, como acontecia quando ele ia em outros países. Nunca houve. Isto lhe chamava a atenção: ele dizia que era curioso que no Brasil não houvesse manifestações contra ele. Pelo contrário, havia manifestações favoráveis. Agora não, temos uma classe média ascendente extremamente raivosa, negacionista.

Gostava de me focar um pouco neste aspeto psicológico da raiva, do ressentimento, que caracteriza esta nova classe média, e que o Frei Betto está a sublinhar. Como se explica este senti-

mento raivoso, um sentimento pré-político, na verdade, que se torna, por assim dizer, um sentimento com amplas consequências políticas, e que caracteriza, pelo que me parece, outras direitas no mundo?

Eu caracterizo este sentimento como parte de uma cultura digital. O mundo digital mudou a lógica do mundo analógico. Por exemplo, o Gianfranco é filósofo: a Filosofia tem todo um método, todo um raciocínio, toda uma lógica que a esta gente não interessa. Esta gente está naquilo que a Filosofia chama hoje de «pós-verdade». E a pós-verdade é diferente da mentira. Quando eu minto, eu tenho consciência do que estou mentindo, de que estou te enganando, mas quando eu admito uma pós-verdade, eu estou convencido que é a verdade, ainda que não tem a lógica. Por outro lado, a cultura digital, por ela ter como instrumento o *smartphone*, e por ela formar bolhas de identidade, permite que eu só transite junto com as pessoas que falam a mesma linguagem que eu falo. Isso produz uma exacerbação de dois fatores: o individualismo e o narcisismo. Eu só espelho o que você me espelha, nós não nos forçamos. Isso baixa a lógica do racional para o emocional, ou seja: de momento o meu argumento não tem mais base no racional, mas ele agora é inspirado pelo emocional. Aí, meu amigo! Aí é ódio, é a crueldade, é o nosso lado mais atavicamente animalesco!

Permita-me uma pergunta que pode parecer banal: por que razão esta direita está constantemente a fazer apelo a estes sentimentos eminentemente negativos para construir um discurso hegemónico?

Porque esta direita sabe que o emocional é um fator mais aderente, que mais liga, do que o racional. Nas pessoas que se amam – pensamos na ligação que se instaura entre elas –, o ponto de vista emocional é muito maior do que a ligação racional. Só para dar um exemplo: do ponto de vista racional, João e Maria são casados e se amam, têm diferenças, têm divergências, mas o que pesa na relação deles não é o racional. O amor, como afeto, transcende a razão. Você não pode dizer ao João: «João, cientificamente você está equivocado de viver com Maria, você é mais adequado para viver com Susana». Não existe esta lógica. Portanto, como o emocional é a primeira fase da nossa cognição – vem lá do bebé, da infância, da ligação que a gente tem com a mãe, com o pai –, não há ligação racional. A criança, nos seus primeiros meses ou anos, tem uma ligação emocional, e de uma forma emocional que tem a ver com a proteção. Esta pessoa me protege, esta pessoa me dá segurança, ela é minha provedora, é dela que vem o meu alimento, o carinho, tudo vem dela... então, isto facilita aquilo que La Boétie chama de «servidão voluntária». Pegamos na atuação de padres e pastores fundamentalistas: eles trabalham a Bíblia pela dinâmica do terror: é o medo do inferno, é o demónio...

Pois, na dinâmica «re-religiosa» de carácter emocional, é sobretudo a hermenêutica do Antigo Testamento que acaba por ser decisiva.

Sim, sobretudo o Antigo Testamento. É a filosofia do emocional, não é mais do racional.

O Frei Betto distinguia a questão da mentira da questão da pós-verdade. Com efeito, a direita bolsonarista parece ter uma afinidade decisiva com outros movimentos de direita que se estão a espalhar pelo mundo: na invasão dos ministérios, ocorrida no dia 8 de janeiro passado, houve mais do que uma afinidade com a invasão do Capitólio, que teve lugar em Washington, em janeiro 2021. Nesse sentido, podemos dizer que a direita brasileira pode ser abordada como um paradigma destas novas formas políticas? Por fim, se há um povo que se move pelo emocional, parece também haver uma organização, financiamentos e capacidade de lógica. Quem são os organizadores desta nova direita? Qual era o objetivo da invasão da Praça dos Três Poderes?

As pessoas que financiavam estavam convencidas do que o projeto do Bolsonaro teria êxito. Qual era o projeto do Bolsonaro? Ele sabia que para o golpe ter êxito teria sido preciso o apoio e a ação das Forças Armadas. Mas ele sabia também que as Forças Armadas eram relutantes, depois de 21 anos de ditadura, e da imagem péssima com que ela ficou, perante a ideia de implantar um novo golpe, sobretudo na conjuntura mundial atual, em que ele não teria apoio, nem da União Europeia nem dos Estados Unidos, que são funda-

mentais: tradicionalmente, todos os golpes na América Latina foram dados com o apoio da Casa Branca. Ora, quando liberou o uso de armas para os civis, incentivou os clubes de tiro, etc., o Bolsonaro fez uma coisa inteligente, ou seja, criou um movimento de guerrilha potencial. Ele dizia claramente: «um povo armado é um povo livre». Eu até dizia que o lema do governo dele, «Pátria amada Brasil», era de verdade: «Pátria armada Brasil». O arcebispo de Aparecida também disse isso, numa celebração do 7 de setembro [N. do E.: dia do aniversário da Independência do Brasil], e o Bolsonaro ficou muito bravo com esta frase do arcebispo. Estes financiadores estavam, portanto, convencidos de que a maneira de provocar as forças armadas era o povo tomar iniciativa. Aí as forças armadas viriam em apoio, e foi isto que não aconteceu. Fazendo um paralelo: quando os mercenários dos Estados Unidos invadiram, em 1961, a Baía dos Porcos, em Cuba, o Kennedy tinha prometido que, se eles conseguissem entrar, as Forças Armadas americanas iriam atrás. Mas não foram. E foi isso que aconteceu na Praça dos Três Poderes, ou seja: aí ficou claro para Bolsonaro e para estas pessoas que as Forças Armadas, embora não condenassem, embora apoiassem os acampamentos, não iriam para a aventura de um golpe.

Acha que esta presença sombria, semi-golpista, no interior das Forças Armadas ainda continua no Brasil?

Esta presença é ainda muito grande. O Brasil cometeu o grave erro de não fazer o que fizeram Uruguai, Argentina e Chile, que condenaram os militares que se envolveram na ditadura. Você viu o filme *Argentina, 1985*, sobre o júízo contra a Junta Militar? É maravilhoso. Infelizmente, aqui no Brasil não aconteceu nada parecido. A cultura golpista, a cultura do anticomunismo visceral, até hoje perdura na formação dos militares brasileiros. Estão convencidos de que são eles que tutelam a democracia. Estão convencidos de que são o poder moderador. Eles extrapolam a missão constitucional que têm.

Tendo isto em conta, o Frei Betto esclareceu um pouco a necessidade de construir uma hegemonia diferente, ou seja, de voltar a uma forma diferente de educação do povo. Gostava, porém, e a partir do seu conhecimento direto do presidente Lula, de comentar consigo os primeiros passos que foram dados. O presidente Lula representa, neste momento, um mundo político bem mais vasto do que a esquerda brasileira. Aliás, ele parece ser, com efeito, o único grande estadista de esquerda presente no contexto internacional. Portanto – eis um outro elemento que me parece paradigmático na situação brasileira –, os desafios que vêm à tona aqui no Brasil permitem imaginar como também em outros contextos se pode construir uma forma de cultura e de educação diferente. Duas perguntas, portanto: de que forma está a ser pensada, aqui no Brasil, à esquerda, a construção de

uma nova hegemonia? Segunda pergunta, que lhe faço também pensando nas recentes visitas e nos recentes encontros internacionais de Lula: quais são os desafios de carácter geopolítico do Brasil contemporâneo, num contexto geopolítico que mudou muito e no qual a Europa parece estar cada vez mais enfraquecida, em parte por causa da guerra na Ucrânia?

Acho que o Lula vai procurar ter este papel hegemónico no contexto internacional, primeiro, mantendo boas relações com os países metropolitanos, principalmente os Estados Unidos e a China, e ao mesmo tempo mantendo a sua independência, sem se aliar com nenhum dos dois blocos. Ou seja, ele irá valorizar cada vez mais os blocos regionais, onde o Brasil exerce naturalmente hegemonia, como no caso do Mercosur, dos Brics, e da Celac, também, que está ressuscitando agora. Relativamente às prioridades internas, o Lula tem como objetivos a educação política, o combate à fome, a questão ambiental, a preservação dos nossos biomas e a redução da desigualdade social, sobretudo através da reforma tributária. O que eu posso dizer, no que diz respeito à questão da educação política, em que estou envolvido voluntariamente, é que a preocupação dele é muito grande. No dia da posse, no dia 1.º de janeiro, digo isso sem nenhuma vaidade, ele me chamou para conversar sobre isso. E eu até brinco, dizendo que foi a primeira audiência que ele concedeu. Me chamou e ficamos meia-hora conversando muito, também com a mulher dele, sobre esta questão. E na manhã seguinte eu estava no Palácio do Pla-

nalto, já conversando com o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Márcio Macêdo, e a Gleisi Hoffmann, que é a presidente do PT, sobre este tema. Então, já está sendo desencadeado um processo para implementar em todo o país um grande trabalho de educação política do povo. Ainda não podemos falar de detalhes, porque está sendo formulado.

Mas pode dizer-me, pelo menos, quais serão as diretrizes fundamentais?

Isto posso, porque as diretrizes são traçadas, claro. Por exemplo... O Governo Federal tem 400 mil agentes comunitários de Saúde. Se nós capacitarmos estas pessoas, quando elas forem atender a população de mais baixa renda, como elas vão há anos, elas vão poder fazer um trabalho de educação política, porque não vão só tratar os reumatismos da Dona Maria, mas vão também falar das causas das enfermidades, do problema do saneamento, do problema da falta de moradias decentes, do problema do desemprego. Ou seja, vão poder fazer um trabalho mais aprofundado em torno das causas das enfermidades, das dificuldades que estas pessoas têm com a questão da saúde. Falamos da *Bolsa Família*: tem duas condicionalidades ou obrigatoriedades, que são manter os filhos na escola e manter em dia a carteira de vacinas. Vamos acrescentar a capacitação profissional, de tal maneira que as pessoas passem a produzir renda, e passa por esta parte profissional também a parte da educação política. São estas as propostas que estão na mesa, que estão sendo discutidas.

Falando um pouco mais de perto da figura de Lula, podemos dizer que é uma figura de político e ativista que passou por tudo, foi já duas vezes presidente, passou pela prisão...

... duas vezes também... É viúvo duas vezes...

Também passou pela morte do neto, por doenças familiares... Como podemos caracterizar esta parábola política e humana da qual o Frei Betto é tão próximo e que sem dúvida representa uma forma de ativismo e de atuação política característica de toda uma geração brasileira?

A minha análise, a minha impressão, é que o Lula agora é muito diferente do Lula do primeiro e do segundo mandato presidenciais. Porquê? Porque tem consciência de que talvez seja a sua última oportunidade de ser presidente do Brasil. E então agora ele tem consciência de tudo aquilo que devia ter feito atrás e não fez. Agora é um Lula mais de esquerda. Antes era um Lula preocupado com o social, com os pobres, mas também sensível ao mercado. Agora ele tem «zero» sensibilidade ao mercado. Ele está preocupado com o mundo dos pobres: esta é a prioridade número um, dois e três dele.

No contexto da América Latina, pensando por exemplo nas mudanças que aconteceram recentemente, tal como em Cuba, com a morte de Fidel Castro e o afastamento de Raúl, na chegada ao poder de toda uma nova geração de políticos nos outros países, quais são as perspectivas geopolíticas do Brasil?

Lula já falou com o Biden sobre Cuba e Venezuela, ele declarou isso. Da pauta de conversas que teve com o Biden, não revelou o que disse, mas avisou que iria tratar de Cuba e Venezuela, para que os Estados Unidos mudem a sua política em relação a estes dois países. O Brasil vai ter relações privilegiadas com Cuba e Venezuela, não há dúvida.

Pouco atrás, falou do aspeto genocida da política bolsonarista. Com o meu olhar de estrangeiro, eu tive a sensação de ouvir nas suas palavras uma história que se repete, não só a história da ditadura, mas uma história mais remota, a história dos bandeirantes, das capitânias... Estou errado? A exploração da Amazônia, das terras, aconteceu ou pareceu ter voltado a acontecer quase, da mesma forma, nestes anos...

Da *mesma* forma. O Brasil sempre foi um país produtor de matérias-primas, extrativista. Foi um país onde nações estrangeiras vieram para levar o que queriam. O Gianfranco mora em Portugal e sabe do ouro que está em Portugal, feito em Minas Gerais. Minas Gerais produzia 16 toneladas de ouro por ano, o que na época era uma quantidade enorme. Eu escrevi um livro sobre isso, *Minas do ouro*. Estas matérias-primas hoje têm o elegante nome de *commodities*, mas é a mesma coisa. O Lula quer reverter isto, voltando a reindustrializar o Brasil, deixando o Brasil de ser mero terreno de extração de riquezas, que são aproveitadas em outros países, mas não aqui.

O efeito desta política económica de exploração é, de resto, o que se viu recentemente, com a questão dos Ianomâmi: desde os primeiros atos, com efeito, o Governo Lula parece ter querido reverter esta política de ocultação da exploração, visando tornar transparente o que ocorreu nas terras destes povos. De que maneira as futuras políticas públicas do Brasil terão em conta o facto de o Brasil conter um pulmão ecológico fundamental para a vida de todo o globo?

Uma das prioridades é, sem dúvida, a preservação dos nossos biomas. Está claro, pela primeira vez na história da humanidade. E a questão ambiental é hoje uma das prioridades do Governo Lula. Com este intuito, foi criado o Ministério dos Povos Indígenas, e, à volta da Marina Silva, o Ministério do Meio-Ambiente. E também nesse sentido devem ser vistos o gesto de Lula de ir visitar os Ianomâmis, na primeira semana de Governo, e as medidas que está a tomar para expulsar o garimpo de lá. Enfim, é muito claro que esta é uma prioridade.

Considera que este Governo terá força para reverter este paradigma histórico extrativista da História e da economia brasileira?

Sim, precisamente porque a questão ambiental está mexendo com a consciência mundial. Através do Fundo Amazônia – esse apoio dos países nórdicos, da Alemanha; e agora também o Biden prometeu se juntar a este esforço –, o Lula terá esta força.

A questão ecológica que acabámos de abordar leva-nos a uma segunda parte da nossa conversa, que gostava que se debruçasse mais sobre a situação contemporânea da Igreja. Muitas coisas aconteceram, entretanto, também neste contexto, desde a eleição do Papa Francisco em 2013: por um lado, a tentativa deste Papa de reconectar a Igreja católica com um aspeto fraternal e pastoral do cristianismo, e que foi representada pela encíclica *Fratelli tutti*, por outro lado, o aparecimento da questão ecológica, que é sem dúvida central no pontificado de Francisco, e que foi objeto de uma outra encíclica, *Laudato sí*. **Quais são as suas considerações relativamente ao pontificado de Francisco e também relativamente às contestações e às dificuldades que encontrou nestes anos, no contexto católico, e face ao seu próprio esforço de reforma interno à Igreja?**

Francisco é um homem extremamente progressista, muito identificado com a teologia da libertação e com muita sensibilidade, tal como o Lula, para a questão dos pobres e para a questão ambiental, dois temas recorrentes em todos os pronunciamentos e em todas as encíclicas. E, por isso mesmo, cria muita insatisfação no interior da Igreja. Porquê? Porque a Igreja católica é um corpo conservador com uma cabeça progressista. E este corpo foi retroalimentado no seu conservadorismo por 34 anos de pontificados conservadores, os de João Paulo II e de Bento XVI. Francisco tem consciência, primeiro, das dificuldades que enfrenta, segundo, das inimizades que provoca. Nos Estados Unidos, vários cardeais o consideram comunista.

Ou até herético...

Ou até herético, exatamente! Quando houve aquela celebração indígena nos jardins do Vaticano [N. do E.: a 4 de outubro 2019, na inauguração do Sínodo para a Amazônia], teve um cardeal que disse que era heresia, que aquilo era paganismo, magia. Mas Francisco é um homem muito determinado e não volta atrás. Ele poderia inclusive usar o poder dele, sendo hoje o único monarca absoluto do Ocidente. Mas ele não quer usar este poder: ele está procurando, dentro das possibilidades da Igreja católica, fazer um governo democrata. Daí a preocupação que ele tem de consultar as bases, de convocar os sínodos, vários sínodos.

Dois aspetos deste pontificado parecem-me relacionar-se diretamente com a teologia da libertação, pelo menos com a projeção a longo prazo da teologia da libertação. Por um lado, o ecumenismo, ou seja, a tentativa de transformar a estrutura piramidal da Igreja católica numa estrutura ecuménica mais horizontal. Acha que esta transformação se está a realizar? E quanto tempo será preciso para a sua concretização? Por outro lado, há um elemento doutrinal em que o Papa Francisco está a mexer. Penso na convocação do sínodo sobre a família e nos seus pronunciamentos. Agora, precisamente neste contexto, parece-me surgir um aspeto de mediação, em que se vê a influência da espiritualidade jesuíta do Papa Francisco. Quando, por exemplo, quatro cardeais expressaram as suas dúvidas relativamente aos pronunciamentos do sínodo, o Papa Francisco evitou, pura e simplesmente, responder. O que não deixa de ser um aspeto problemático deste pontificado: em que medida esta modalidade de atuação, por

vezes sem atuar de forma explícita, é parte intrínseca de uma política necessária para uma reforma da Igreja?

Esta transformação é muito lenta. É uma instituição que tem dois mil anos. É uma instituição muito pesada e, como disse, marcada por 34 anos de recentes pontificados conservadores. O Papa Francisco tenta forçar a caminhada, acelerar na medida do possível. Agora, vai depender muito se ele vai conseguir fazer o seu sucessor. Não é fácil, porque não é fácil encontrar cardeais progressistas hoje dia. Mesmo aqueles que o Francisco está nomeando são abertos, são modernos, mas não sei se são progressistas, não sei se têm a sensibilidade que ele tem para o mundo dos pobres e para a questão ambiental. A Igreja está vivendo um momento de muito impasse. Por outro lado, você põe a questão ecuménica: eu nem acho que a questão ecuménica seja a mais importante na Igreja, porque a questão ecuménica é muito restrita. Ela só pega o mundo cristão. E eu acho que a questão inter-religiosa é mais ampla: por exemplo, o contacto com o mundo muçulmano, com o mundo oriental. O Papa está muito preocupado com isso. Tanto que ele ainda hoje não recebeu o Dalai Lama, para não prejudicar a política de boa vizinhança que está a fazer com a China. Ele quer resgatar a Igreja católica na China e, por isso, não pode criar um atrito com o Governo chinês. Atrito que ele criaria se ele recebesse o Dalai Lama. É uma política de boa vizinhança que ele está a desenvolver com muito tato.

Há um aspeto que alguns comentadores italianos sublinharam: ou seja, o facto de a Igreja católica ser a única instituição, num momento de crise profunda do império americano, a constituir uma espécie de «contra-império», de carácter espiritual, ou seja, uma instituição global que olha para o mundo e não simplesmente para o seu centro, neste caso, Roma. Podemos dizer que este modelo geopolítico de longo prazo da Igreja como instituição «global» está a ter hoje uma reatualização? E, se sim, como pensa que este modelo se pode desenvolver? Qual é o futuro da Igreja como instituição ao mesmo tempo geopolítica e espiritual?

Não sei. Enquanto a Igreja não acabar com o clericalismo, muito denunciado pelo Papa Francisco, enquanto ela não se abrir às mulheres, eu não vejo futuro para a Igreja católica. Não vejo futuro. Vejo que ela vai perder cada vez mais espaço enquanto mantiver esta misoginia e este clericalismo. Ou seja: ou a Igreja socializa os ministérios e permite que a mulher possa ser até Papa, ou ela vai ficar falando sozinha. Porque o mundo evangélico, o mundo protestante, está crescendo assustadoramente, e vai continuar crescendo, porque tem uma política de solidariedade aos pobres que a Igreja católica não tem. O pastor da congregação da favela, ele mora na favela. O padre que vai na favela vai uma vez por mês, uma vez cada três meses. Ele não mora na favela. Há uma «descatolização» generalizada no mundo. Na Europa, seminários, mosteiros estão virando hotéis, porque estão vazios, não tem vocações.

O espírito missionário é um aspeto fundamental na História da Igreja, se pensarmos na sua tarefa de comunicação da Palavra cristã. Quais são, então, as causas desta falta de missão que a Igreja católica está a viver?

São vários os fatores. A sociedade se laicizou cada vez mais, se tornou mais pluralista, e a hegemonia católica, historicamente muito sustentada pelos governos, acabou. Pense no caso de Salazar em Portugal, ou do Franco na Espanha. Para além disso, hoje, com a pós-modernidade, as pessoas estão descobrindo que podem ser religiosas sem Igreja, podem viver espiritualidade sem religião. São aspetos novos da espiritualidade, para os quais a Igreja católica não se preparou devidamente. Pelo contrário, com os pontificados de João Paulo II e de Bento XVI, ela reagiu com medo a este mundo novo que está emergindo.

...embora seja verdade que com o Concílio Vaticano II este mundo novo tenha de alguma forma sido reconhecido.

Sim, mas o Concílio não foi implementado como deveria. As coisas ficaram no papel. O Concílio, por exemplo, tentou minar o clericalismo, mas não conseguiu: o clericalismo é muito forte. O padre é o polo de poder e concentração da comunidade de fiéis, e não abre mão disso.

E nisso o Frei Betto destaca um aspecto que tem a ver com a própria educação dos padres?

Sim, porque isto se reproduz nos seminários. Enquanto não tiver uma mudança neste processo, não vai ter mudança, não vai ter mudança... Lamento, mas eu não tenho esperança. Não haverá modernização da Igreja enquanto não se mudar o estatuto do clero e se permitir a inserção de mulheres. E se acabar com o celibato obrigatório: tem que ser facultativo. Eu não vejo saída para isso.

Relativamente à questão da espiritualidade, parece-me ser extremamente relevante o fenómeno de multiplicação das Igrejas que se está a viver no Brasil. Resumindo: o que parece não fazer falta é, precisamente, um apelo à espiritualidade...

E muito grande! Só que as pessoas acham que as Igrejas não são necessariamente fontes de espiritualidade. Posso viver a espiritualidade em vários outros espaços alternativos. Eu mesmo sigo e acompanho grupos de oração em que a maioria das pessoas não frequentam a igreja, não frequentam uma paróquia. Até frequentam o grupo de oração porque é um espaço alternativo, democrático, fraterno, onde elas se sentem melhor para cultivarem a sua espiritualidade do que na paróquia, onde as pessoas não se conhecem ou onde reina o elitismo. Vai numa missa e só tem pessoas de classe média. A sua faxineira, a sua cozinheira,

o porteiro do seu prédio, vão na Igreja evangélica, não vão na católica.

Portanto, o Frei Betto nota que há um aspecto de classe nestas orientações e nestas simbolizações espirituais?

Claro. Hoje em dia, ao contrário do que acontecia no movimento pós-conciliar dos anos 60 e 70, a opção para os pobres caiu muito na Igreja católica. Os novos padres não querem ir no meio dos pobres. Querem ir no meio da classe média e médio-rica, se possível. Porque são jovens e estão a busca de conforto. Não têm mais vocações, como na minha geração, que vêm da classe média intelectualizada. Hoje, geralmente, 99% das vocações vem do mundo pobre, em busca de *status*. Claro, o jovem que entra aqui nos Dominicanos vive muito melhor do que os pais dele vivem, lá no interior.

Portanto, associado à vocação, acabou por prevalecer um aspecto de ascensão social?

Sim, há muito apego a isso. E a paróquia é a melhor via, porque a paróquia, o que é? Inclusive é uma coisa – vamos falar claro? – de lavagem de dinheiro: não presta conta, não paga imposto. Então, o limite entre a honestidade e a corrupção desaparece. Quem é que confere quanto entra por semana numa paróquia? Ninguém. Só o próprio pároco, o próprio conselho paroquial, assim mesmo, se alguém não pegou o dinheiro lá na sacristia depois da missa...

É um aspeto, este da gestão do dinheiro, que nas suas palavras não distingue uma paróquia católica de uma paróquia evangélica. Sabemos em que medida a Igreja Universal do Reino de Deus é uma empresa: podemos dizer que ela acabou por levar ainda mais longe este aspeto empresarial que já estava presente na católica?

Com menos competências, no caso da católica. A evangélica tem muito mais competência nisso. A Igreja católica é muito «amadora»: agora, a evangélica não, porque criou uma cultura da extorsão. A palavra é esta: uma cultura da extorsão. Vão tirar dinheiro dos fiéis o máximo que eles possam. Por isso é que elas progridem, proliferam, geometricamente. Porque é muito o dinheiro que entra.

Parece-me haver um aspeto muito interessante nisso, ou seja, o reaparecimento de uma cultura calvinista da graça divina que se concretiza materialmente. É como se o espírito secularizado do capitalismo, que, como dizia Max Weber, nascia do espírito das seitas calvinistas, acabasse assim por se integrar novamente numa religião. Com efeito, como sublinhava o Frei Betto, há pouco, os fiéis acabam por ser verdadeiramente ajudados dentro das Igrejas evangélicas, o que lhes permite crescer em estatuto social: e este crescimento acaba por confirmar a crença de que a graça de Deus concedida ao indivíduo se manifesta pelo seu crescimento económico...

Dentro das Igrejas evangélicas, as pessoas recuperam a sua identidade social. Na católica, não. Você vai na missa católica e não sabe o nome da pessoa que está ao seu lado. Numa Igreja evangélica não é isto que acontece: se

você está desempregado, está doente, a Igreja te ajuda, te apoia.

Parece-me que já deu uma resposta à pergunta que lhe queria fazer, mas vou fazê-la igualmente: há alguma possibilidade de ecumenismo nesse contexto?

Não é fácil. Porque são hermenêuticas distintas da Bíblia. A única ponte de diálogo que eu vejo com estas pessoas é através da Bíblia, mas, mesmo assim, a resistência é muito grande, porque elas têm uma leitura muito fundamentalista, muito literal da Bíblia.

É verdade que nas últimas décadas houve também, na Igreja católica, um crescimento dos movimentos carismáticos, que em muitos aspetos me parecem semelhantes a este «fundamentalismo» que descreve nas Igrejas evangélicas. São muito conservadores do ponto de vista doutrinário – aliás, foram muito considerados durante o pontificado de João Paulo II –, mas, liturgicamente, são muito semelhantes aos evangélicos. Que leitura faz destes movimentos, que tiveram sem dúvida muito sucesso, sobretudo nas periferias das cidades?

No Brasil já não têm tanto sucesso como tinham. Já passou um pouco a fase mais forte destes movimentos. Mas são movimentos que pegam pelo emocional.

E voltamos à questão inicial...

E voltamos à questão inicial. Porque o emocional pega na religião também. Se você ex-

plorar este aspeto emotivo, isto infantiliza as pessoas, cria formas de servidão voluntária.

O Frei Betto destaca um aspeto comum, portanto, às religiões e à política deste tempo, pelo que me parece. De resto, a capacidade hegemónica desta nova forma de direita política, bolsonarista, no caso do Brasil, teve historicamente as suas raízes também num certo mundo evangélico. No fundo, nesta direita aparece uma teologia política, oposta àquela que a teologia da libertação tentou criar, ou seja, uma teologia política radicalmente alternativa, horizontal. Agora, a partir da sua experiência, como vê o futuro da teologia da libertação, para além do tempo que vivemos? Há algum aspeto a que gostaria de regressar? Acha que, em algum caso, teria sido melhor atuar de forma diferente, por exemplo?

Não, não, eu acho que a teologia da libertação foi até o seu limite. Fora daí, seria a heresia, seria a ruptura. O que não tem interesse, para nós, a ruptura. A diferença do católico para o evangélico é que, no segundo caso, se Isaco e Beto discordam, um sai e funda outra Igreja. Na católica não, a luta é interna, interessa para nós. Segundo: a teologia da libertação está muito mais ampla hoje do que no passado. Porque hoje ela aborda a questão ambiental, a questão da inovação tecnológica, a questão científica, a nanotecnologia, a questão do aborto... Ela está muito mais diversificada: existe uma teologia da libertação negra, feminista... Agora, perdeu as suas bases populares, como tinha no passado, por causa do atropelo destes 34 anos de pontificados conservadores.

As comunidades eclesiais de base já não são hoje tão numerosas nem tão ativas como no passado. Porquê? Porque não tem mais bispos e padres que ajudem a as apoiar. E como a estrutura hierárquica da Igreja é ainda muito pesada, é muito difícil ter uma comunidade ou um grupo de comunidades atuantes sem nenhum apoio de padres, religiosos ou bispos. É muito difícil. Você pode até ter: agora, quem beira a ruptura beira... mas não interessa para nós, a ruptura. Eu me lembro como durante as lutas contra a ditadura, nos países da América do Sul, no Chile, na Colômbia, a ruptura se deu de maneira horizontal. Os bispos foram com a direita apoiando as ditaduras, e alguns padres, como Camilo Torres, foram para a esquerda e romperam com a hierarquia. No Brasil, felizmente, a divisão foi vertical. Você tinha cardeais de direita e cardeais de esquerda. O cardeal Eusébio Scheid era de esquerda, D. Paulo Evaristo Arns, que também era um cardeal, era de esquerda, um Eugênio Sales era de direita. É isto que salvou a unidade dessa nossa Igreja.

Se bem me lembro, na sua primeira aparição pública depois de ter sido eleito, o Papa Francisco quis ao seu lado o arcebispo de São Paulo, o cardeal Hummes. Era uma presença fraternal, que bem testemunhava, desde o seu próprio começo, a vizinhança deste pontificado com uma parte específica da Igreja brasileira.

Sim, o cardeal Hummes, que morreu há pouco e com o qual trabalhei muitos anos, também pertencia a esta parte progressista da Igreja brasileira.

Pensando naquele momento de começo de pontificado, parece-me que esta época da Igreja católica permanece incompreensível, se não se pensar a fundo a força evangélica da figura São Francisco, o nome que o Papa escolheu para designar o seu pontificado. Uma figura muito particular, esta de São Francisco, associada às ordens religiosas, mas que, ao mesmo tempo, estabeleceu um modo de vida que tinha na pobreza o momento-chave do testemunho cristão. Qual é o valor de São Francisco para um teólogo da libertação?

São Francisco é muito valorizado hoje por ser o santo da ecologia. Eu o valorizo por isso, mas o valorizo também muito por ser o primeiro contestador do capitalismo nascente. Isto para mim é muito importante. O pai do Francisco, Bernardone, era um artesão que se transformou num fabricante. Quem produz com manufatura produz mais do que quem produz como artesão. E com isso ele levou para a miséria vários artesãos da região de Assis, na Itália. E como ele dependia da tintura que vinha da França, que era o país metropolitano da Europa na época, no século XIII, para poder dar cor aos seus tecidos, ele colocou ao filho o nome de Francesco. É como se você ou eu colocássemos a um filho o nome de Biden ou Trump, para homenagear o império. Francesco significa «aquele que vem da França», «aquele que é francês». O Francisco, quando fica nu na praça de Assis, à frente do seu pai, está dando dois recados. O primeiro: eu não fico com a roupa que você faz, porque a sua produção é criminosa. E segundo: eu me irmano com as

vítimas do sistema que está nascendo, que é a manufatura, que é a raiz do capitalismo. Vejo isso no Francisco e, para além disso, o fato de ele não se ter tornado padre. Então, vejo nele também um gesto de desclericalização da Igreja, que não teve sucesso porque o poder do clero é doentio, é muito forte.

Não evito, então, fazer uma última pergunta que vem a este propósito, Frei Betto. Se o valor do franciscanismo é claro, qual é o peso da espiritualidade dominicana na sua experiência pessoal?

A gente costuma fazer uma comparação com os Jesuítas. A espiritualidade jesuíta se baseia na vontade, a dominicana baseia-se na inteligência. O fato de a gente se basear na inteligência, e não na vontade, nos permite muita liberdade de espírito. Nós não fazemos, como os Jesuítas, aquela promessa de fidelidade absoluta ao Papa. Pode ser que o Papa esteja errado, e a gente vai dizer isso, ou seja, que o Papa está errado. Vai dizer para ele, como Santa Catarina de Siena disse: «você está errado». A espiritualidade dominicana é mais livre. Ela une a opção pelos pobres com o estudo, o que não acontece na espiritualidade franciscana. A espiritualidade franciscana não valoriza muito o estudo, valoriza mais a opção pelos pobres, que hoje está muito prejudicada, com as reformas que São Boaventura introduziu nos Franciscanos, negando o legado de Francisco.